



ORIENTE MÉDIO

Pôquer naval no Estreito de Ormuz

À espera de uma resposta a sua última proposta de paz, os EUA voltam a trocar ataques com o Irã na estratégica via marítima, bloqueada desde o início do conflito, há 10 semanas. E a cotação do petróleo volta a subir

A guerra dos Estados Unidos e de Israel contra o Irã completa 10 semanas com as ações militares e os esforços de negociação concentrados — e enredados — no estratégico Estreito de Ormuz, passagem marítima obrigatória para 20% do petróleo negociado nos mercados globais. Escaramuças se sucedem diariamente entre forças dos dois países, enquanto Washington aguarda uma resposta de Teerã a uma proposta de acordo de paz enviada via Paquistão. Entre confrontos e ameaças, e com um bloqueio naval recíproco em vigor, as cotações internacionais do petróleo fecharam a semana novamente acima de US\$ 100 por barril. E os EUA voltam a pressionar os aliados europeus para que ajudem a liberar Ormuz, enquanto o chanceler iraniano, Abbas Araghchi, acusa o adversário de promover “aventuras irresponsáveis sempre que uma proposta de solução diplomática está sobre a mesa”.

Pelo segundo dia seguido, ambas as partes anunciaram ontem incidentes na região do estreito. O Comando Central (CentCom) dos EUA noticiou a “neutralização” de dois petroleiros de bandeira iraniana que se dirigiam, vazios, para portos no litoral do Mar de Omã. Em Teerã, o porta-voz da chancelaria, Esmail Baghaei, disse que unidades da Guarda Revolucionária reagiram à “flagrante violação” do cessar-fogo

bilateral em vigor desde 8 de abril e “deram um forte tapa no inimigo”. O chanceler Araghchi, que seguia estudando a oferta norte-americana para a paz, questionou “a seriedade” de Washington no processo de negociações, ao comentar as escaramuças em pleno cessar-fogo: “Isso é alguma tática bruta de pressão ou querem colocar o presidente Donald Trump em um atoleiro?”

“Bomba atômica”

Encerrando uma viagem à Europa, o secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, voltou a cobrar um compromisso efetivo dos aliados com a segurança da navegação comercial marítima no Estreito de Ormuz. Em razão do bloqueio iraniano, cerca de 2 mil navios estão retidos no Golfo Pérsico desde os primeiros dias do conflito. No início da semana, o regime islâmico anunciou novos regulamentos para o tráfego, incluindo a cobrança de taxas.

“O Irã agora alega ser dono de uma hidrovía internacional, diz que tem o direito de controlá-la”, protestou, em entrevista coletiva após reunir-se com a primeira-ministra da Itália, Giorgia Meloni. Isso é inaceitável. O que o mundo está disposto a fazer a respeito?”, desafiou. “Vamos aceitar que eles controlem uma via de navegação internacional?” Sobre o processo de negociações, Rubio

US Navy/AFP



Destroier cerca petroleiro iraniano: bloqueio recíproco interdita a navegação e atravanca a diplomacia

confirmou que aguardava uma manifestação do Irã. “Espero, realmente, que venham com uma oferta séria.”

Como se respondesse a Rubio, um assessor do aiatolá Mojtaba Khamenei, novo líder supremo da República Islâmica, comprou o bloqueio do estreito a uma arma nuclear à disposição

do país. “Durante anos, negligenciamos o privilégio do Estreito de Ormuz. Ele representa uma oportunidade tão valiosa quanto uma bomba atômica”, declarou Mohammad Mokhber. “Ter em nossas mãos uma posição que nos permite influenciar a economia mundial com uma única

decisão é uma oportunidade significativa”, completou.

Escolta suspensa

A retomada de ações militares em Ormuz, embora não tenha decretado o fim do cessar-fogo, voltou a provocar instabilidade nos

mercados de petróleo e a inquietar investidores e setores econômicos ligados mais diretamente aos preços dos combustíveis. A semana havia começado com expectativas em torno do Projeto Liberdade, operação anunciada por Trump para oferecer escolta da Marinha norte-americana a companhias dispostas a retirar seus navios retidos no Golfo Pérsico. A iniciativa foi suspensa bruscamente, na noite de terça-feira, depois de uma troca de ataques na via marítima.

Na ocasião, o presidente norte-americano justificou a decisão em nome de “progressos” na frente diplomática. Na quinta-feira, porém, fontes de seu próprio governo revelaram à imprensa que o recuo se deveu à recusa da Arábia Saudita e do Kuwait a permitir o uso de seu espaço aéreo e das bases mantidas pelos EUA em seu território. Nos dias anteriores, o Irã havia bombardeado instalações petrolíferas nos Emirados Árabes Unidos, uma das petromonarquias do Golfo mais próximas a Washington.

“Eles foram punidos e serão punidos ainda mais”, confirmou o assessor do aiatolá Khamenei. “Sempre alegaram que seu país era um porto seguro para investimentos, mas hoje estamos testemunhando a maior fuga de capitais de lá”, completou Mohammad Mokhber.

PAPA LEÃO XIV

Aniversário com pizza e visitas a Nápoles e Pompeia

» RODRIGO CRAVEIRO

Ao completar um ano de pontificado, Leão XIV comemorou no melhor estilo de sua missão pastoral: com o povo. O líder da Igreja Católica deixou Roma para visitar Nápoles e Pompeia, no sul da Itália. Pela manhã, em Pompeia, cidade devastada pela erupção do Vesúvio, o papa americano foi ao santuário da Virgem do Rosário e rendeu um tributo aos restos mortais de Bartolo Longo — figura do século 19 que retornou ao catolicismo depois de ter sido um sacerdote satânico. “Que dia maravilhoso, quantas bênçãos!”, declarou o

pontífice diante de uma multidão de fiéis, entre eles 400 enfermos e pessoas com deficiência. O próprio santuário tinha sido mencionado em suas primeiras palavras como sucessor de São Pedro, logo depois do conclave, em 8 de maio de 2025.

O segundo compromisso de Leão XIV, em Nápoles, incluiu a veneração das relíquias de São Januário, padroeiro da cidade. O papa abençoou o sangue do santo, que liquefaz-se em 2 de maio — o suposto milagre ocorre três vezes ao ano. Os fiéis veem isso como sinal de proteção. Ao saudar a multidão na Praça do Plebiscito, Leão XIV foi surpreendido com um

presente: uma pizza personalizada.

“Pensei ser boa ideia oferecer a tradição napolitana ao Santo Padre. Fiz a pizza com o nome dele”, disse ao **Correio** Gino Sorbillo, dono da Sorbillo, famosa pizzaria de Nápoles. “Um de meus pizzaiolos conseguiu driblar a segurança e se aproximou do papa. Ele ficou surpreso e contente”, acrescentou. Leão XIV recebeu o presente com um “Tai!” e “Obrigado!”, além de tirar uma foto com o homem.

Roberto Regoli, especialista em história da Igreja Católica da Pontifícia Universidade Gregoriana (em Roma), avaliou o início do papado de Leão XIV como “um ano de

serenidade”. “Leão XIV começou o pontificado em meio ao Ano do Jubileu e não pôde definir imediatamente um rumo próprio. Tudo havia sido determinado por outros, até mesmo a viagem internacional à Turquia e ao Líbano. O seu pontificado começou, mesmo, apenas no fim do Jubileu, ou seja, em 7 de janeiro deste ano”, disse.

Segundo Regoli, Leão XIV é “mais um homem de palavras do que de atos sensacionais”. “É um homem de moderação, não de hipócrita. Em termos de vida eclesial, os discursos mais significativos foram sobre colegialidade e a retomada do Concílio Vaticano II.”

Carlo Hermann/AFP



Pizzaiolo segura pizza e mostra para o líder católico, em Nápoles

CONEXÃO DIPLOMÁTICA



POR SILVIO QUEIROZ
SILVIOQUEIROZ.DF@GMAIL.COM

SORRISOS, AFAGOS E ALGO MAIS

Do encontro entre Lula e Donald Trump, restam alguns tantos pontos a conferir, à parte as amabilidades trocadas diante das câmeras. Pela perspectiva imediata do presidente Lula, que a cada dia transfere o foco mais intensamente na direção da campanha pela reeleição, o resultado imediato soa até mais do que satisfatório. A “química pessoal” com a Casa Branca parece reativada, as imagens fazem impacto na mídia e as declarações trocadas sugerem que a relação bilateral passa ao largo das diferenças políticas e ideológicas entre os governantes.

As imagens sorridentes e as palavras amistosas compõem uma camada superficial capaz de agradar a

ambos os lados. Depois da viagem a Washington, Lula tende a se distanciar da frente externa para priorizar a campanha eleitoral — quase com exclusividade. Trump tem pelo caminho a guerra em que se envolveu no Oriente Médio, fundamentalmente com o Irã, embora esteja atrelado à ofensiva de Israel, parceiro prioritário, contra o Líbano. Em novembro, enfrenta eleições legislativas em que corre o risco de ficar em minoria em ambas as casas do Congresso para os dois anos seguintes de mandato. É uma condição que o jargão político dos EUA chama de “pato manco”: um presidente que não consegue governar.

Para além do consumo imediato pela opinião pública, os dois presidentes têm pela frente uma agenda que diz respeito a redimensionar as relações entre as duas potências das Américas — o terreno que a diplomacia estadunidense chama de Hemisfério Ocidental. E define, em seu planejamento geopolítico estratégico, como “o quintal”, a retaguarda segura. Mas vê ameaçado pela expansão irresistível da influência chinesa na América Latina — econômico-comercial, mas cada vez mais política.

O buraco é mais embaixo

Talvez o tema mais emergente na agenda bilateral, embora

subterrâneo, seja o da exploração das reservas brasileiras dos minerais considerados estratégicos, em especial os elementos conhecidos como terras raras. Na véspera do embarque de Lula, a Câmara aprovou um projeto de lei que incorpora as contradições sobre o tema no espectro político. O texto desagradou os setores governistas mais à esquerda, que demandam controle da União sobre a exploração e a elaboração. Mas define que o beneficiamento do produto bruto no Brasil, o que incomoda a oposição de direita, defensora da abertura irrestrita das reservas para o capital externo. Mas festeja a renúncia a qualquer tipo de monopólio estatal, como o definido por Getúlio Vargas, nos anos 1950, para o petróleo.

Entre os tapas e beijos, da própria base e do campo oposto, o presidente

procura assentar as bases para conduzir o processo no pretendido quarto mandato. E olha com atenção para a China, cada vez mais o polo capaz de exercer contrapeso à prevalência persistente dos EUA no cenário econômico e geopolítico global.

Pêndulo

No fundamental, a orientação que parece ter presidido a ofensiva diplomática em Washington é de colocar o Brasil na posição de uma espécie de pêndulo entre as duas potências que entram pelo século 21 em plena disputa pela supremacia em uma ordem global em pleno redesenho. Como membro pleno e fundador do Brics, o país cultiva relações em expansão não apenas com Pequim, mas também com a Rússia de Vladimir Putin.

Por outro lado, reconhece seu lugar no contexto interamericano e trata de configurar as relações com Washington sobre bases algo distintas das que valeram no mundo bipolar da Guerra Fria.

O tratamento traçado para os minerais estratégicos incorpora essa visão. A China, além de deter as maiores reservas conhecidas — com o Brasil no segundo lugar —, tem domínio quase exclusivo da tecnologia para processamento e beneficiamento. A legislação em tramitação no Congresso acena para a abertura ao capital externo, sob a condição de que seja assegurada ao país a transferência de conhecimento e o desenvolvimento local de um ramo industrial ligado à exportação não apenas da commodity em estado bruto, mas de produtos ao menos semielaborados.